

#197

Pós-pop. Fora do lugar-comum
Dia da Terra Galáxia Tabucchi



FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

abril

Neste número



ANTONIO TABUCCHI © D.R.

6

Galáxia Tabucchi

Durante dois dias (9 e 10 de abril), a obra de Antonio Tabucchi vai ser discutida por professores, tradutores, filósofos, atores e amigos, portugueses e de muitas outras nacionalidades. Além do colóquio, várias atividades paralelas vão proporcionar uma visão abrangente do legado deixado pelo escritor italiano (que também tinha nacionalidade portuguesa) que cedo se apaixonou por Portugal.

8

Hack for Good

O desafio desta terceira edição – dedicada ao bem-estar das camadas mais jovens da população – vem juntar-se ao dos anos anteriores – a integração de refugiados e migrantes e o bem-estar dos idosos. Se tem uma ideia que ajude a resolver estes problemas e uma solução tecnológica capaz de a pôr em prática, preste atenção: o Hack for Good já anda na estrada à procura das melhores ideias e já estão abertas as inscrições para a maratona digital Hackathon.

10

Pós-pop, fora do lugar comum

Tom Phillips ou Bernard Cohen juntam-se a artistas portugueses como Teresa Magalhães, Ruy Leitão, Fátima Vaz, João Cutileiro, José de Guimarães, Eduardo Batarda, Menez, Nikias Skapinakis, Clara Menéres, entre outros, numa exposição que vai revelar um panorama artístico invulgarmente rico e explorar o modo como todos eles se desviaram da linguagem clássica da Pop Art e assumiram linguagens por vezes surpreendentes.



JOHN ZORN © D.R.

18

Jazz em Agosto

O saxofonista norte-americano John Zorn será a figura central da 35.^a edição do Jazz em Agosto. Este ano, o festival apresenta 18 concertos e cinco filmes e vai incluir um dia muito especial no Grande Auditório, com o filme *John Zorn*, de Mathieu Amalric; Barbara Hannigan e Stephen Gosling a cantar músicas compostas por Zorn; e ainda Zorn a tocar órgão com a mestre da eletrónica, Ikue Mori.



BUY LEITÃO, HAT, FINAL DA DÉCADA DE 1960, COLEÇÃO MANUEL DE BRITO © CARLOS AZEVEDO

Índice



20

Dia da Terra

Para celebrar o Dia da Terra (que se comemora a 22 de abril), a Fundação Gulbenkian preparou dois dias de atividades em que a preservação e sustentabilidade do planeta vão estar no centro das atenções.

Durante um fim de semana, oficinas, visitas, conversas, documentários e debates vão permitir a reflexão sobre os desafios que se colocam ao bem-estar da Terra e ainda passar umas horas em harmonia com a natureza.

Notícias

- 4 Novos administradores não executivos
- 5 Os Universalistas chegam a Portugal
- 5 Pessoa em Madrid
- 6 A Galáxia Tabucchi
- 8 Preparad@ para mudar o mundo?
- 9 Vamos conversar sobre imunologia

Arte

- 10 Pós-Pop. Fora do lugar-comum
- 14 As Flores do Imperador

Música

- 16 Os cantos da alma
- 18 Jazz em Agosto 2018

Atividades educativas

- 20 Pensar e celebrar a Terra

Ambientes

- 22 Sara Bichão

A FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN É UMA INSTITUIÇÃO PORTUGUESA DE DIREITO PRIVADO E UTILIDADE PÚBLICA, CUJOS FINS ESTATUTÁRIOS SÃO A ARTE, A BENEFICÊNCIA, A CIÊNCIA E A EDUCAÇÃO. CRIADA POR DISPOSIÇÃO TESTAMENTÁRIA DE CALOUSTE SARKIS GULBENKIAN, OS SEUS ESTATUTOS FORAM APROVADOS PELO ESTADO PORTUGUÊS A 18 DE JULHO DE 1956.

#197 — ABRIL 2018 / ISSN 0873-5980 / ESTA NEWSLETTER É UMA EDIÇÃO DO SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO / DESIGN E DIREÇÃO CRIATIVA — THE DESIGNERS REPUBLIC — IAN ANDERSON / DESIGN GRÁFICO — DDLX / REVISÃO DE TEXTO — RITA VEIGA / CAPA — TERESA MAGALHÃES, SEM TÍTULO, 1969. COLEÇÃO TERESA MAGALHÃES © CARLOS AZEVEDO / IMPRESSÃO — GRECA ARTES GRÁFICAS / TIRAGEM — 9 000 EXEMPLARES / AV. DE BERNA, 45, 1067-001 LISBOA / TEL. 21 782 30 00 / INFO@GULBENKIAN.PT / GULBENKIAN.PT

Novos administradores não executivos

Graça Andresen Guimarães e António M. Feijó iniciam funções a 26 de abril como administradores não executivos da Fundação Calouste Gulbenkian.

Os dois novos membros foram eleitos pelo Conselho de Administração Plenário da Fundação Calouste Gulbenkian, presidido por Isabel Mota.

Graça Andresen Guimarães é conselheira principal do diretor-geral da Organização Mundial do Comércio desde 2013. Licenciada em Finanças pela Universidade de Lisboa, iniciou a sua carreira diplomática em 1980. Entre outras missões, foi embaixadora de Portugal em Cabo Verde (2007 a 2011) e representante permanente de Portugal junto das Nações Unidas e outras organizações internacionais. Foi também investigadora associada no Institute for the Study of Diplomacy – Universidade de Georgetown (1995 a 1999) e *visiting fellow* no Instituto Europeu da London School of Economics (2004 a 2006).

António M. Feijó é vice-reitor da Universidade de Lisboa e professor catedrático da Faculdade de Letras, da qual foi diretor. Formado em Literatura Inglesa e Norte-Americana, é autor de vários livros e publicações, bem como de traduções e versões dramatúrgicas de Shakespeare, Otway e Fernando Pessoa, entre outros. Os membros não executivos do Conselho de Administração participam nas reuniões plenárias deste órgão, com competências na definição da estratégia, das políticas de investimento e de pessoal, na aprovação do plano e orçamento anual e, ainda, na deliberação sobre a eleição do presidente e de

novos elementos do Conselho. Integram igualmente as duas novas comissões do Conselho de Administração – a Comissão de Remunerações e a Comissão de Auditoria –, as quais, em conjunto com o Comité de Investimentos, completam a nova estrutura do Conselho de Administração. Teresa Gouveia, Martin Essayan, José Neves Adelino, Guilherme d’Oliveira Martins e Pedro Norton compõem o quadro de administradores executivos da Fundação.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN © MÁRCIA LESSA

Os Universalistas chegam a Portugal

A Casa da Arquitectura, em Matosinhos, acolhe a partir deste mês a exposição Os Universalistas. 50 anos de arquitetura portuguesa.

A exposição será mostrada pela primeira vez em Portugal a partir de dia **13 de abril**, dois anos depois da sua apresentação na Cité de l'Architecture et du Patrimoine, em Paris. Comissariada por Nuno Grande para as celebrações dos 50 anos da delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian, esta exposição multimédia propõe um olhar sobre meio século de pensamento e produção arquitetónica portuguesa, percorrendo o trabalho de arquitetos de referência e algumas promessas, como Fernando Távora, Alberto Pessoa, Ruy d'Athouguia, Manuel Tainha, Pancho Guedes, Nuno Teotónio Pereira, Nuno Portas, Álvaro Siza, Alcino Soutinho, Eduardo Souto de Moura, João Luís Carrilho da Graça, Manuel Graça Dias, Manuel e Francisco Aires Mateus, ARX Portugal, Paulo David, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, Cristina Guedes e Francisco Vieira de Campos. Na exposição misturam-se materiais relativos a 50 projetos – incluindo maquetes, desenhos técnicos e fac-símiles de esquis-



ASPETO DA EXPOSIÇÃO NA CITÉ DE L'ARCHITECTURE ET DU PATRIMOINE, PARIS, 2016
© MÁRCIA LESSA

sos ou esboços de arquitetos – com fotografias, textos e caricaturas que refletem as transformações político-sociais em Portugal nos últimos 50 anos.

Pessoa em Madrid

Algumas das melhores obras do modernismo português – de artistas como José de Almada Negreiros, Amadeo de Souza-Cardoso, Julio, Mário Eloy e Sarah Affonso, entre muitos outros – continuam expostas em Madrid, no Museu Reina Sofía, até **dia 7 de maio**. A mostra, uma coprodução entre o Museu Reina Sofía e a Fundação Calouste Gulbenkian, parte da figura de Fernando Pessoa para dar a conhecer as vanguardas portuguesas do início do século XX.

Pessoa. Toda a Arte é uma Forma de Literatura tem curadoria de João Fernandes, subdiretor do Museu Reina Sofía, e da historiadora de arte Ana Ara e conta com 56 obras pertencentes à Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian.

A Galáxia Tabucchi

Seis anos após a sua morte, a vida e a obra do autor italiano Antonio Tabucchi são revisitadas na Fundação Gulbenkian.

Dizem os dicionários que é um sistema formado por milhares de milhões de estrelas (e outros corpos celestes, ligados entre si por forças gravitacionais). Mas nesta galáxia, tudo andarà à volta de uma só estrela: Antonio Tabucchi.

Seis anos após a sua morte, a Fundação Calouste Gulbenkian vai visitar a vida e obra do autor italiano com dois dias de intenso debate, um filme, um documentário, leituras musicadas e ainda uma exposição iconográfica e documental, que pode ser vista durante um mês inteiro.

Começando pelo fim, que será também o início: a exposição *Tabucchi e Portugal* (de 8 de abril a 7 de maio), feita de manuscritos, documentos, fotografias e outros objetos do acervo familiar do autor, bem como de excertos de entrevistas suas a Maria João Seixas e Mega Ferreira, pretende mostrar um lado mais pessoal de Tabucchi e da vida que levou no país que o acolheu como a um dos seus.

Às vitrines da exposição junta-se depois uma mostra cinematográfica de Tabucchi – primeiro, com a exibição do documentário *Se de tudo fica um pouco – no rasto de Antonio Tabucchi* (dia 8 de abril, no Cinema São Jorge, no âmbito da Festa do Cinema Italiano) e, depois, do filme *Requiem*, realizado por Alain Tanner, com base na obra a que o autor italiano pôs o mesmo nome (dia 9, na Sala Polivalente da Coleção Moderna).

Mas o que seria destes dias sem a palavra escrita, falada, lida? Durante dois dias (9 e 10 de abril), duas dezenas de estudiosos vindos de todo o mundo estarão em Lisboa para debater vários aspetos da obra do autor italiano. Será a Galáxia Tabucchi, cuja programação termina com Jorge Silva Melo e Fabrizio Gifuni a ler textos de Tabucchi, ao som da música de Carlos Martins e Carlos Barretto.

O evento é extenso e variado, fazendo dele uma galáxia. Mas estrela, por esses dias, será só uma – de seu nome Antonio, sem acento.

Programa

8 de abril

10h00

Abertura da Exposição *Tabucchi e Portugal*
GALERIA DO PISO INFERIOR DO EDIFÍCIO SEDE

18h00

Exibição do documentário *Se de tudo fica um pouco – No rasto de Antonio Tabucchi*
CINEMA SÃO JORGE

9 de Abril

9h30

Colóquio Galáxia Tabucchi
AUDITÓRIO 3

21h00

Exibição do filme *Requiem*, de Alain Tanner (1998)
SALA POLIVALENTE DA COLEÇÃO MODERNA

10 de abril

9h30

Colóquio Galáxia Tabucchi
AUDITÓRIO 3

17h30 – 18h30

Leituras e Música
ESCADARIA DA ZONA DE CONGRESSOS



ANTONIO TABUCCHI © STELIOUS SKOPELITIS

“Talvez a viagem possa dar esta pequena sabedoria: todo o terreno que percorremos é um empréstimo. Não é verdade que se estivermos sempre num lugar esse lugar se torne nosso, que a planta do pé o faça nosso. De qualquer forma, um dia havemos de voar para longe.”

Antonio Tabucchi

Preparad@ para mudar o mundo?

Haverá, por esse país fora, muitas e boas ideias capazes de dar solução a problemas com que se depara a sociedade. Se é o seu caso, está na hora de mostrar o que vale.



HACK FOR GOOD É A PROVA DE QUE SE PODE PÔR A TECNOLOGIA AO SERVIÇO DO BEM COMUM © D.R.

A Fundação Calouste Gulbenkian acredita que os profissionais das novas tecnologias – programadores, gestores, engenheiros, criativos, *designers* ou outros – têm as ferramentas necessárias para dar resposta a muitos dos problemas que se vivem, dia após dia, nas sociedades modernas. Às vezes, falta só ligar a ficha à tomada certa e fazer a ligação.

Estes dois mundos (o tecnológico e o social) têm encontro marcado nos dias 5 e 6 de maio, no Porto, para uma Hackathon – uma maratona de programação com a qual a Fundação pretende promover

o desenvolvimento de soluções tecnológicas para certos problemas sociais. Durante 48 horas, que se perspectivam de trabalho árduo e muito divertimento, terá oportunidade de apresentar uma *app*, um jogo, um caminho na Web, um dispositivo ou aquilo que considerar a melhor solução para o desafio proposto.

Além de sair de Lisboa e de se realizar no norte do país, 2018 traz à Hackathon outras inovações. Aos desafios lançados nas edições anteriores – a integração de refugiados e migrantes e o bem-estar dos



idosos – junta-se, este ano, mais um: o de encontrar soluções capazes de gerar bem-estar entre as camadas mais jovens. Além disso, foi também criado um *bootcamp*, onde as equipas que desejem continuar a desenvolver o seu projeto terão acompanhamento e apoio para lá da Hackathon. No final deste percurso, as melhores equipas serão convidadas a apresentar os seus projetos na Web Summit, no início de novembro. Até lá, basta estar atent@, porque a organização já anda pelo país à procura das melhores ideias.

A Hackathon já está em movimento

A um mês da maratona, a Hackathon já está a percorrer o país, à procura das melhores ideias. Consulte o calendário desta volta a Portugal:

3 de abril. Coimbra. Instituto Pedro Nunes

5 de abril. Covilhã. Universidade da Beira Interior

10 de abril. Aveiro. Universidade de Aveiro

12 de abril. Porto. Founders Founders

17 de abril. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

19 de abril. Braga. Startup Braga

Vamos conversar sobre imunologia

O convite é do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC), que abre ao público na tarde de 2 de maio para conversas à volta da Imunologia.

Quer saber mais sobre malária ou sobre leucemias? Tem curiosidade em perceber como o nosso corpo pode lidar com a sépsis? Ou de que forma as bactérias dos insetos podem ajudar-nos a combater a dengue ou o zika? Para celebrar o Dia Internacional da Imunologia, o IGC realiza um programa de conversas com cientistas, abrindo caminho à exploração de algumas descobertas nesta área, que podem melhorar a saúde.

Os temas de conversa são escolhidos por todos os que quiserem partilhar as suas perguntas e interesses em bit.ly/DiaImunologia2018.

Este evento realiza-se no **dia 2 de maio**, no Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras. O programa final e a inscrição no evento serão disponibilizados no *website* do IGC e nas redes sociais, a 18 de abril.

Em Portugal, o Dia Internacional da Imunologia é promovido pela Sociedade Portuguesa de Imunologia, em conjunto com vários institutos de investigação científica, de norte a sul do país.

Pós-Pop. Fora do lugar-comum

Mais de duas centenas de obras realizadas, na sua grande maioria entre 1965 e 1975, estarão expostas na Galeria Principal da Sede da Fundação Calouste Gulbenkian, a partir de dia 20.

Com curadoria de Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas, a exposição dará conta do modo como diversos artistas portugueses e ingleses receberam e, de alguma forma, transcenderam a lição da Pop, afastando-se do lugar-comum proposto por esta linguagem.

Nomes fundamentais da cena artística e cultural britânica como Allen Jones, Patrick Caulfield, Jeremy Moon, Tom Phillips ou Bernard Cohen estarão representados nesta exposição, onde também se poderão ver obras de artistas como Teresa Magalhães, Ruy Leitão, Fátima Vaz, João Cutileiro, José de Guimarães, Eduardo Batarida, Menez, Nikias Skapinakis, Clara Menéres, entre muitos outros. Tem um destaque especial a obra deste período realizada por Teresa Magalhães e que permaneceu até hoje praticamente inédita, bem como a obra igualmente pouco conhecida de Ruy Leitão, que estudou em Londres com Patrick Caulfield, que o considerava um dos seus alunos mais brilhantes.

Em exposição estará também um número considerável de obras da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, algumas das quais pertencentes ao núcleo de arte britânica adquirido em Londres entre 1959 e 1965. São igualmente apresentadas obras provenientes das coleções do Arts Council e do British Council de Londres e outras provenientes de coleções institucionais e de colecionadores privados portugueses.

Em entrevista, as duas curadoras, Ana Vasconcelos (**A.V.**) e Patrícia Rosas (**P.R.**), sugerem várias pistas de leitura para esta exposição.



TERESA MAGALHÃES (1944), SEM TÍTULO, 1972, COLEÇÃO TERESA MAGALHÃES © CARLOS AZEVEDO

Quais as principais linhas de força desta exposição?

A.V. – Podemos falar de um olhar inovador sobre o núcleo conotado com a Arte Pop da Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, nomeadamente o importante acervo de arte britânica dos anos de 1960, pondo em causa a sua filiação eminentemente pop. O mesmo se passa relativamente a um conjunto significativo de obras de artistas portugueses desse período. Bernard Cohen, uma das figuras mais importantes na conceção desta exposição, e que é hoje um artista muito valorizado – tem 12 obras expostas na coleção permanente da Tate –, defende que, à data do surgimento da linguagem da pop em Londres, por meados da década de 1950, estavam a ser feitos trabalhos artísticos muito interessantes, com diferentes valores estéticos. Havia uma aposta na criatividade e tudo isso ficou suspenso com a chegada da Pop Art. Cohen considera que a Pop apelava a um número limitado de temas figurativos e que se tratou de um primeiro movimento artístico forjado a nível internacional e inteiramente controlado pelos *media*. Uma posição um tanto radical, mas que nos fez perceber mais claramente que nem tudo o que não cabia na Pop era abstração lírica ou expressionismo abstrato, havia outras tendências igualmente interessantes que enunciavam um possível futuro na criação artística. Muitos dos artistas conotados com a Pop recusaram essa filiação, criaram obras onde a abstração e a figuração se conjugavam, obras com humor, e um sentido do absurdo, do *nonsense*, com grande poder de comunicação. Em resumo, a exposição questiona a hegemonia da Pop e das suas sequelas na arte britânica, estendendo esse questionamento, em força, para o mundo português.

Como é que os artistas portugueses viveram esses desvios?

P.R. – Há dois artistas que assumem um lugar de destaque: Teresa Magalhães e Ruy Leitão, que tal como Bernard Cohen, estiveram na matriz da conceção desta exposição. Ambos seguem um prisma pop no que toca à imagem, ao *design* e às questões estéticas do movimento, mas extravasam-no no modo como



RUY LEITÃO (1949-1976), SEM TÍTULO, 1972-1973, COLEÇÃO MANUEL DE BRITO
© CARLOS AZEVEDO

mostram os objetos ou usam outras técnicas, desviando-se significativamente do enfoque pop. Assim, como muitos outros artistas portugueses, Teresa Magalhães adota uma atitude de contestação em relação ao ensino das Belas-Artes em Portugal, que acusava de defender os valores tradicionais e condicionar a liberdade criativa dos alunos. Grande parte das obras da artista aqui expostas foram realizadas no seu ateliê, à margem da Escola. Quanto a Ruy Leitão, filho da pintora Menez, viveu em Londres entre 1966 e 1970, experienciando, por isso, um outro contexto social e artístico.

A.V. – É importante realçar que Ruy Leitão vive em Londres, é um artista internacional, não sofre o isolacionismo português. Já Teresa Magalhães vive em Portugal, produzindo um trabalho extraordinário com um forte sentido de época, adotando um vocabulário pop, mas com incursões abstratas e mínimas que conjugou com o cinema, a música, a moda ou a fotografia. Em 1973, a artista virou-se decisivamente

para a abstração, retomando o tal fio suspenso do expressionismo abstrato do pós-Guerra de que falava Cohen e que, nas suas próprias palavras, possibilitava uma muito maior liberdade criativa.

A fronteira entre Pop e pós-Pop nem sempre é fácil de traçar...

A.V. – É uma fronteira bastante tênue. Esta exposição propõe mostrar as derivas de muitos artistas que, apesar de conotados com a Pop, se afastam da sua linha clássica, e estes desvios são múltiplos e diversificados. Mas existem também sobreposições. Se folharmos um catálogo da Pop Art clássica e olharmos para as obras expostas percebemos a diferença, embora seja por vezes difícil de explicar. E esse é um pormenor que me agrada, que os nossos olhos saibam mais do que aquilo que conseguimos definir com clareza.

P.R. – A exposição apresenta, de facto, uma pluralidade de linhas, abarcando, por exemplo, as tendências minimalistas, fora de um universo pop. Neste universo já por si se distinguem uma pop britânica, mais nostálgica, nascida numa cultura material e popular europeia em que sobressaem as colagens, os postais, e a muito diferente pop americana, mais fria, mais dura, mais comunicativa, mais imediata. Já no caso português, os desvios da Pop surgem em obras com uma forte carga política ou em torno de temas como o corpo ou o corpo erotizado.

Há mesmo uma singularidade no caso português...

A.V. – É uma questão muito interessante, para a qual Penelope Curtis (diretora do Museu Gulbenkian) chama a atenção na introdução ao catálogo, ao afirmar que existe uma “Pop ibérica” que está a ser reconhecida pela história de arte atual, assim como existe uma Pop em países de Leste que, tal como a nossa, foi usada contra o regime então vigente. A questão é sempre a mesma: quando se passa pela malha apertada da censura há que dizer as coisas de outra maneira. Eram muitas vezes obras cáusticas e críticas. Em Portugal, com a Revolução de Abril, fez-se ouvir, também, a voz de uma utopia social e política.

P.R. – Muitas obras expostas refletem essa vivência; a mais realista é a representação que Clara Menéres faz de um soldado morto da guerra colonial. Alguns artistas passam por Angola, como José de Guimarães e António Palolo. Guimarães expõe mesmo no Museu de Luanda, em 1968, e algumas dessas obras são aqui apresentadas. Palolo é bastante apoiado em Angola por Guimarães e na sua obra as imagens conotáveis com a situação de guerra surgem de uma forma humorística, muito colorida, como um pequeno teatro de marionetas. Eduardo Batarda fez serviço militar, mas não chegou a ir para África; vai nessa altura para o Royal College, em Londres, onde faz a crítica artística mais mordaz e contundente em relação à situação colonial portuguesa.



NIKIAS SKAPINAKIS (1931), *DELACROIX NO 25 DE ABRIL EM ATENAS, 1975*, COLEÇÃO PARTICULAR © CARLOS AZEVEDO

Haverá muitas obras inéditas?

A.V. – Sim, a começar pelas de Teresa Magalhães, de quem só foram cá expostas anteriormente duas obras deste período. Do Ruy Leitão será apresentada uma pintura que nunca foi vista, por ter ficado em Londres desde os anos em que ele lá viveu. Teremos também esculturas inéditas de João Cutileiro e obras realizadas em Angola por José de Guimarães que nunca foram expostas. Serão também mostradas quatro obras bordadas de Clara Menéres, as quais, desde que foram feitas e expostas pela primeira vez, nunca mais foram vistas. Retomam-se trabalhos feitos em Londres por Ana Hatherly e por Sena da Silva, bem como pinturas de Maria José Aguiar e de Fátima Vaz raramente expostas. São duas artistas com uma obra muito interessante e que caíram no esquecimento. O público terá também a oportunidade de admirar a obra que esteve na primeira exposição que Paula Rego realizou em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em 1965. Nessa altura, a artista só vendeu duas peças e uma delas – *Manifesto (For a Lost Cause)* – foi comprada pela Fundação Gulbenkian.

Além das obras, há algum pormenor da montagem a destacar?

P.R. – Gostava de chamar a atenção para uma curiosidade na montagem desta exposição; aliás, para três curiosidades. Ao longo do percurso serão vistas três grandes caixas pretas, uma espécie de “gabinetes temáticos”, que têm um trabalho gráfico original e que serão três momentos *underground* da exposição. Estes espaços, visitáveis, estarão repletos de obras, cartazes, documentos, música, imagens de arquivo, etc. A primeira caixa é dedicada à moda e à música; a segunda ao corpo erotizado e ao novo cinema; e a última prende-se com a questão política nacional.

O que esperam que o público leve desta exposição?

A.V. – Esperamos que as pessoas se divirtam com o que vão ver. É uma exposição colorida, visualmente muito forte, com grande diversidade e que valoriza a arte portuguesa deste período. Apresenta as coisas de outra maneira, propõe quase um *flashback* sobre estes anos (uma reavistagem para quem os viveu), ou outra narrativa para os mais novos. Trata-se do nosso passado recente e quanto melhor o conhecermos, maior consciência ganhamos sobre o futuro.



ALLEN JONES, LIFE CLASS B (TOUCHING SHOE, PINK), 1968 © CORTESIA COLEÇÃO BRITISH COUNCIL

PÓS-POP. FORA DO LUGAR-COMUM Desvios da Pop em Portugal e Inglaterra, 1965-75

Curadoria: Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas

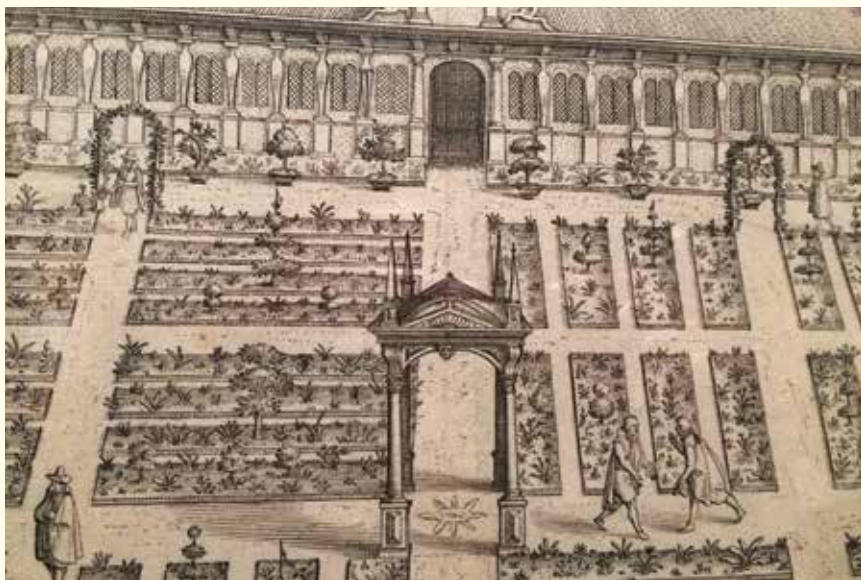
Galeria Principal do Edifício Sede

20 abril – 10 setembro 2018

As Flores do Imperador

Escolha das curadoras

Dois sumptuosos tapetes mogóis do Museu Calouste Gulbenkian são o pretexto para esta exposição, que celebra o encontro de culturas do Oriente e do Ocidente a partir do século XVI. As curadoras, Teresa Nobre de Carvalho e Clara Serra, destacam duas peças-chave.



CLAES JANSZ VISSCHER (II), JAN CORNELISZ VAN 'T WOUTD (C. 1570 – 1615) HORTI PUBLICI ACADEMIAE LUGDUNO – BATAVAE CUM AREOLIS ET PULVILLIS VERA DELINEATIO LEIDEN: 1610 (PORMENOR) © LEIDEN UNIVERSITY LIBRARY

O fascínio pelas plantas de Oriente

Na década de 1590, foi criado, junto à Universidade de Leiden, um amplo jardim botânico. No topo deste horto instalou-se um edifício onde, nos meses mais frios, se resguardavam dos rigores do inverno as plantas mais sensíveis. Este espaço era também usado para a observação de espécimes botânicos, o estudo de textos de História Natural e de Matéria Médica, assim como para a análise de exemplares de minerais, conchas e animais exóticos. Enquanto responsável pela organização do Horto Botânico de Leiden, Carolus Clusius (1526-1609) reuniu neste jardim uma invejável coleção de plantas raras e peregrinas. A beleza de algumas das flores ali cultivadas – narcisos, tulipas, lírios, iris, jacintos, muscaris, coroas imperiais ou fritilárias – justificava a visita de muitos que percorriam grandes distâncias para as estudar e admirar.

Personagem central de uma extensa rede que unia eruditos, aristocratas, banqueiros, comerciantes e curiosos interessados na troca de informações e de exemplares botânicos, Clusius divulgou notícias sobre plantas raras, ensinou técnicas de cultivo e disseminou sementes, rizomas e bolbos pelos jardins de toda a Europa.

TERESA NOBRE DE CARVALHO

Decoração floral

Na Índia Mogol, a produção de tapetes está associada à corte ou aos centros de produção urbana. Pensa-se que foi no tempo de Akbar (r. 1556-1605) que se estabeleceram as primeiras oficinas imperiais de produção de tapetes, tendo sido chamados tapeceiros persas para ensinar os artistas locais. Assim, não é de estranhar que os primeiros tapetes mogóis tenham uma marcada influência persa, que se irá manter durante algum tempo.

A decoração floral esteve presente desde os tempos mais recuados, ligada à ideia de jardim e Paraíso, cuja referência remonta ao Alcorão. No entanto, no reinado do Xá Jahan (r. 1628-1658), os motivos decorativos vão adquirir características próprias, desenvolvendo-se um tipo de decoração floral de cariz naturalista, dito "indiano", provavelmente inspirado pelas ilustrações veiculadas pelas estampas e álbuns botânicos europeus que chegaram à corte mogol a partir do século XVI.

Este tapete, exemplo desse "estilo floral", apresenta filas de flores representadas com grande realismo, possibilitando, na maior parte dos casos, a sua identificação botânica.

CLARA SERRA



TAPETE FLORAL, ÍNDIA, LAHORE (?), SÉC. XVII, PERÍODO MOGOL. FELPA DE LÃ, TEIA DE ALGODÃO, TRAMA DE ALGODÃO E SEDA © MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

AS FLORES DO IMPERADOR Do Bolbo ao Tapete

Curadoria: Clara Serra e Teresa Nobre de Carvalho

Coleção do Fundador e Galeria do Piso Inferior

Até 21 maio

Os cantos da Alma

O que podem ter em comum compositores renascentistas e contemporâneos no concerto do Coro Gulbenkian no Grande Auditório? A ligação entre a voz e a alma vai ser o elemento central desta interpretação a capella.

“A voz constitui uma ligação direta ao que de mais interior e íntimo temos em nós: a alma”, diz o maestro Pedro Teixeira nesta entrevista a propósito do concerto em que vai dirigir o Coro Gulbenkian. Serão interpretadas obras de compositores tão diversos como Manuel Cardoso, Healey Willan, Pēteris Vasks, John Sheppard, Arvo Pärt, Thomas Tallis, Patrick Hawes e ainda, em estreia absoluta, uma composição de Rui Paulo Teixeira inspirada em Fernando Pessoa.

Antigo membro do Coro Gulbenkian, **Pedro Teixeira** foi diretor do Coro de la Comunidad de Madrid, ao qual se mantém ligado, e tem a seu cargo dois coros nacionais: o Ricercare e Officium Ensemble. Neste concerto, que tem por título *Alma*, interessa ao maestro criar uma ligação direta com o público apenas por meio da voz dos coralistas.

Como surgiu a ideia deste concerto?

Este concerto partiu do entendimento da voz como instrumento intrínseco do corpo humano nas suas várias vertentes de fala, canto, meio de comunicação universal e de expressão de sentimentos. A voz constitui uma ligação direta ao que de mais interior e íntimo temos em nós: a alma. A voz é alma e a alma é voz. A partir desta premissa (entre tantas outras) surgiu a ideia de criar um programa em que todas estas componentes se entrecruzam. É a alma que catalisa este programa.

O que levou à escolha de um conjunto de obras tão diverso?

O que pretendi com o programa deste concerto foi criar uma ligação o mais direta possível com o público, através da música coral fundamentalmente *a cappella* (sem acompanhamento orquestral). O programa inicia com o sublime “Introitus” do *Requiem* a seis vozes de Frei Manuel Cardoso e termina com a obra *Stars*, do letão Ēriks Ešenvalds. Pelo meio teremos peças de Healey Willan, Pēteris Vasks, Carlo Gesualdo, Claudio Monteverdi, Arvo Pärt, Thomas Tallis, Patrick Hawes e Ēriks Ešenvalds, John Sheppard e Rui Paulo Teixeira. É a eternidade da alma que serve de eixo a todo o concerto.

De que modo?

Enquanto “criações de alma”, todas estas obras detêm algo de eterno, seja numa estética renascentista ou numa contemporânea. Por exemplo, o *Requiem* de Manuel Cardoso, uma das composições mais inspiradas de toda a história da música portuguesa (e, arrisco, europeia), tem estreitamente a ver com a

Alma: Concerto a capella

Coro Gulbenkian
Pedro Teixeira, Direção

Grande Auditório

Dom, 22 abril, 18:00

“A voz é a alma e a alma é a voz”

ideia da vida para além da morte que brilhará sobre as almas que concluíram o seu caminho neste mundo. A obra de Willan (*How they so softly rest*) musica um poema belíssimo de Henry Wadsworth Longfellow, elogio do eterno descanso das almas sagradas que repousam nos túmulos silenciosos e já não choram, nem sofrem, simplesmente esperam, debaixo do cipreste, o chamamento do anjo que as virá acordar do seu sono. Mais uma vez, estamos perante o maravilhamento pela vida para além da vida, esse estágio de silêncio transcendental – e que tão bem é captado pela obra do compositor letão Pēteris Vasks em *Silent Songs*, o seu ciclo inacabado de pequenas obras corais que se relacionam intimamente com o silêncio.

A estreia mundial de *Mensagens*, inspirada em Fernando Pessoa, será um momento especial?

Seguramente. Trata-se de uma obra especial, de um dos nossos compositores mais talentosos e que tem escrito verdadeiras obras-primas para coro. A sua linguagem é verdadeiramente vocal, não tivesse Rui Paulo Teixeira sido cantor de coro, conhecendo como ninguém as suas características e potencialidades. E esta obra em particular parte de vários textos de Fernando Pessoa, esboçando o caminho das almas desde o assumir de um estado de insignificância (“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada.”) até à assunção de que tudo pode ser possível (“À parte disso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.”).

Em termos de escrita, o compositor vale-se de várias técnicas, desde texto recitado (há sempre um orador ao longo dos cerca de dez minutos da obra), texto sussurrado e cantado, efeitos de ar aspirado e inspirado e assobios, imitando o vento ou a própria existência estratosférica da alma.

Tal como o compositor escreve, “mais do que uma criação musical, esta obra é uma composição poético-filosófica sobre o nosso profundo universo, ressoando no âmago da alma”.



PEDRO TEIXEIRA © D.R.

Assumir a direção de vários coros obriga a uma gestão por vezes difícil?

Efetivamente, durante cinco temporadas fui maestro titular de um dos coros profissionais de Espanha, o Coro de la Comunidad de Madrid. Neste momento deixei a titularidade, mas continuo a minha colaboração como maestro convidado para várias produções do coro e orquestra. As minhas viagens entre Madrid e Lisboa são neste momento bastante menos frequentes, mas é verdade que, desde 2012, a minha presença nas duas cidades era permanente, devido aos projetos que mantinha em Portugal. Não poderei dizer que foi uma gestão fácil, como é evidente, mas o amor pela música – e pela música coral em particular – fez com que estes anos tivessem passado com a tranquilidade possível, e ainda assim propícia a momentos criadores que, espero, tenham sido sempre inspirados e ricos.

Jazz em Agosto 2018

John Zorn é a figura central da 35.^a edição do Jazz em Agosto. De 27 de julho a 5 de agosto, o Anfiteatro ao Ar Livre e outros locais da fundação recebem muitos concertos dedicados ao saxofonista norte-americano.



JOHN ZORN © NICK RUECHEL

Pela primeira vez na história do festival, toda a programação gira em torno de um só músico: o norte-americano John Zorn, uma das figuras mais intrigantes e inspiradoras da música inovadora dos nossos dias, cujo singular universo estará espelhado nos **18 concertos** e **cinco filmes** que o Jazz em Agosto apresenta este ano.

Residente em Nova Iorque, John Zorn, compositor, saxofonista, produtor e responsável pela editora discográfica Tzadik, onde edita a sua música e a dos artistas que gravitam na sua esfera de influência, tem abordado todos os géneros e subgéneros musicais, do jazz ao rock, passando pela música clássica, as bandas sonoras, a música ambiente ou a música improvisada.

Abertura e programação

O concerto de abertura desta edição especial, a 27 de julho, apresenta uma formação inédita em que **John Zorn** se junta a outros dois improvisadores de Nova Iorque: o conhecido baterista **Milford Graves** e **Thurston Moore**, guitarrista que pertenceu aos icónicos Sonic Youth.

Somam-se a este primeiro momento quatro noites de concertos duplos que se focam nas composições de John Zorn, no âmbito dos projetos *Book of Angels* e *Bagatelles*, e ao longo das quais se apresentam em palco as formações **Mary Halvorson Quartet** e **Masada** (28 de julho), **Nova Quartet** e **Asmodeus** (30 de julho), **Kris Davis Quartet** e **John Medeski Trio** (1 de agosto), e **Craig Taborn** e **Brian Marsella Trio** (4 de agosto), que incluem os músicos Dave Douglas, Drew Gress, Joey Baron, Kenny Wollesen, Marc Ribot, Kenny Grohowski, Tomas Fujiwara e Trevor Dunn.

Os grupos **Simulacrum** (31 de julho), **Highsmith Trio** (2 de agosto), **Insurrection** (3 de agosto) e **Secret Chiefs 3** (5 de agosto), que integram alguns dos músicos já mencionados, completam o programa do Jazz em Agosto no Anfiteatro ao Ar Livre com outros nomes igualmente relevantes e próximos de Zorn, como Ikue Mori, Ches Smith, Jim Black, Kenny Grohowski, Matt Hollenberg e Julian Lage, entre outros.

No Auditório 2 também haverá concertos como o de **Robert Dick** (1 de agosto), com um solo de flauta contrabaixo; o grupo de guitarras elétricas **Dither** (3 de agosto), com James Moore, Taylor Levine, Josh Lopes e Gyan Riley; o trio **Trigger** (4 de agosto), com Will Greene, Simon Hanes e Aaron Edgcomb; e os guitarristas **Julian Lage** e **Gyan Riley** (5 de agosto). Dois grupos portugueses completam esta programação – **The Rite of Trio** (30 de julho) e **Slow is Possible** (2 de agosto) – uma vez que, embora não tenham sido editados na Tzadik, partilham com John Zorn o mesmo universo musical.



MASADA © GONZALO GUAÑA

Filmes-concerto

Além dos concertos, o festival dedica também espaço à exibição de filmes da editora Tzadik, na Sala Polivalente da Coleção Moderna. O programa inclui, a 31 de julho, *Pomegranate Seeds*, um filme-concerto em que Ikue Mori compõe em tempo real a banda sonora para imagens alusivas a um conto sobre a deusa Perséfone; a 2 de agosto, *Bhima Swarga*, igualmente de Ikue Mori; a 3 de agosto, *John Zorn The Book of Heads – 35 etudes for solo guitar performed by James Moore*, de Stephen Taylor; e, no último fim de semana (4 e 5 de agosto), *Celestial Subway Lines / Salvaging The Noise*, de Ken Jacobs e *Between Science and Garbage* de Pierre Hébert.

Por fim, o Jazz em Agosto tem reservado um dia especial no Grande Auditório, a 29 de julho, com três eventos inéditos: primeiro, a exibição do filme *John Zorn (2016-2018)*, uma extensão do retrato intimista sobre o músico estreado em 2017, realizado por Mathieu Amalric, que estará presente em Lisboa; depois, o concerto **Jumalatteret**, um ciclo de canções para voz e piano composto por Zorn e apresentado pela soprano Barbara Hannigan e pelo pianista Stephen Gosling; e, por fim, a subida ao palco de John Zorn, no órgão, com a mestre da eletrónica Ikue Mori, no projeto **The Hermetic Organ**.

A imagem gráfica destes 10 dias de devoção e homenagem ao universo de John Zorn foi desenvolvida especialmente para o efeito por Heung-Heung Chin, *designer* exclusiva da Tzadik.

Programa em: gulbenkian.pt/jazzemagosto

Atividades educativas

Pensar e celebrar a Terra

Oficinas, visitas, conversas, sessões de contos, documentários e debates celebram o Dia da Terra, a 21 e 22 de abril, na Fundação Gulbenkian.



SOMOS CRIADORES! © GONÇALO BARRIGA

O Dia Internacional da Terra (22 de abril) foi criado pelo senador norte-americano Gaylord Nelson, em 1970, como protesto contra a poluição da Terra (no rescaldo de uma catástrofe causada por derramamento de petróleo, em 1969, em Santa Barbara, na Califórnia). Hoje, este dia é um manifesto pela preservação do ambiente e a sustentabilidade do planeta e é celebrado para nos lembrar que a Terra e os seus ecossistemas são indispensáveis aos humanos. A maior parte do programa destes dois dias acontece sobretudo no Jardim Gulbenkian. Para as atividades gratuitas é necessário o levantamento prévio de bilhete.

Atividades para todas as idades

Para as **famílias**, o programa do Dia da Terra reserva momentos ricos de convívio e descoberta, como as oficinas “O tanino – impressão de folhas em tecido” (21 abril, 10h30, 12h, 15h) e “Piquenique de plantas” (22 abril, 11h); assim como as “Histórias de Musear”, contadas a partir do núcleo de Arte Islâmica da Coleção do Fundador e do livro *Jardim De Babai*, de Mandana Sadat (22 abril, 10h30, 11h45).



O TANINO — IMPRESSÃO DE FOLHAS EM TECIDOS © PAULA CÔRTE-REAL

No que toca às **crianças e jovens**, as propostas vão desde sessões de contos da Terra (21 abril, 11h, 14h30, 16h) às oficinas “O caderno dos meus dias” (21 abril, 15h) “Somos criadores!” (21 abril, 17h), e “Puzzle gigante” (22 abril, 10h, 11h15, 14h, 15h15), para descobrir os encantos da natureza e inspirar a criatividade.

Por fim, os **adultos** poderão participar na visita-conversa “A importância das plantas na vida na Terra”, com o botânico Jorge Paiva (21 abril, 12h), no “Passeio Fitogeográfico em Bicicleta”, que percorre o caminho que liga a Fundação a Monsanto, chamado “Corredor Verde” (22 abril, 11h), nas oficinas “Serigrafia na bicicleta — composições de arte e natureza” (21 abril, 14h20, 15h, 15h40, 16h20, 17h) e “O eterno movimento circular”, para experimentar as danças de roda (22 abril, 15h). No domingo (14h30), haverá também espaço para o “Garden Sketching”, um encontro de *urban sketchers* no Jardim Gulbenkian que se realiza anualmente.

Refletir, conversar, debater

Além das oficinas e atividades criativas, o programa para estes dias da Terra propõe ainda muitas oportunidades de debate. Destaque para a mesa-redonda em torno do tema “Afim, o que é a sustentabilidade?”, que terá lugar a 21 de abril, na Sala 1, pelas 15h, e que juntará os convidados Nuno Brito Jorge (Coopérnico), Tiago Domingos (Maretec/IST), Natália Rodrigues (Programa Prove), Bordalo II (escultor), Ana Barbosa (IKEA) e Sérgio Ribeiro (Planetiers) numa discussão sobre o que significa viver de forma mais sustentável, desde comer menos carne ou peixe, cortar no uso da água ou reciclar.

No domingo, serão também projetados dois documentários: *O Sal da Terra* (2014) de Juliano Ribeiro Salgado e Wim Wenders, na Sala 2 (às 10h40) e *A Vossa Terra — Paisagens de Gonçalo Ribeiro Telles* (2016), de João Mário Grilo, no Auditório 3 (às 16h30). A projeção deste último será seguida de um debate.

Os bilhetes para as atividades deverão ser previamente comprados/levantados por telefone, pela internet ou diretamente nas bilheteiras da Fundação Calouste Gulbenkian. Pode ver o programa completo em gulbenkian.pt/descobrir/dia-da-terra/

Ambientes

por Mariano Piçarra

*Uma experiência de pânico vivida por Sara Bichão quando atravessava, a nado, um lago vulcânico é o centro de **Encontra-me, mato-te**. Na exposição paira a ameaça do abismo, mas também o desafio de outra dimensão mais etérea e tranquila, transmitida pela peça **Estela** (estrela de 16 pontas), colocada na Sala Polivalente da Coleção Moderna.*



GULBENKIAN.PT

Av. de Berna, 45A, 1067-001 Lisboa